



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

RENATA LENITA RIGON

O ENSINO DE FILOSOFIA NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

CHAPECÓ

2019

RENATA LENITA RIGON

O ENSINO DE FILOSOFIA NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Doutor Odair Neitzel

CHAPECÓ

2019

Rigon, Renata Lenita

O Ensino da Filosofia na Pedagogia da Alternância /
Renata Lenita Rigon. -- 2019.

37 f.

Orientador: Doutor Odair Neitzel.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Filosofia-Licenciatura, Chapecó, SC , 2019.

1. Pedagogia da Alternância. 2. Professor. 3.
Filosofia. 4. Casa Familiar Rural. I. Neitzel, Odair,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

RENATA LENITA RIGON

O ENSINO DA FILOSOFIA NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odair Neitzel – UFFS

Orientador

Prof. Dr. Élsio José Corá - UFFS

Prof. Dr. Nedilso Lauro Brugnera - UFFS

Ao senhor Laurentino Grassioli (em memória),
homem inspirador. A Ademir, Sandra e Lucas,
pelo estímulo em me tornar uma pessoa melhor.
Aos alunos da Casa Familiar Rural Santo
Agostinho de Quilombo/SC, por me permitirem
aprender e ensinar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui, não apenas às pessoas que contribuíram para que este trabalho fosse desenvolvido, mas aos momentos e situações vividas nos longos anos da graduação. Aos que, quando desisti, me trouxeram de volta o desejo em concluí-la. Agradeço por ter sido difícil e por ter me feito sair da zona de conforto, mas especialmente, agradeço por ter me descoberto como Pessoa. Aos meus pais e meu irmão, principalmente pela paciência e por compreenderem o significado da minha escolha. Ao meu avô, que mesmo no curto tempo em que esteve presente, me inspirou e me inspira a viver a vida da melhor forma possível. A todos os professores e colegas do curso, que colaboraram para que este trabalho fosse concluído e por deixarem contribuições expressivas em minha vida, especialmente ao professor doutor Odair Neitzel, por me orientar da melhor forma e tornar possível a conclusão desse projeto. Ao tempo, que me permitiu compreender os desafios deste caminho.

Eu quero uma escola do campo, que tem a ver com a vida, com a gente, querida e organizada e conduzida coletivamente, eu quero uma escola do campo onde o saber não seja limitado que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados...

Canção Construtores do Futuro, Gilvan Santos

RESUMO

A educação do campo tem sido preocupação frequente nos movimentos sociais e surge como uma possibilidade de ensino diferenciada perante a educação tradicional básica, tendo como foco o povo camponês e suas reais necessidades. Uma das possibilidades de ensino voltada para o campo é ofertada pelas Casas Familiares Rurais que se baseiam na metodologia da Pedagogia da Alternância para orientar sua organização escolar e propõe aos jovens do campo uma escola voltada para suas realidades. O objetivo desta pesquisa tem por fundamento compreender a Pedagogia da Alternância e de, a partir desta compreensão, analisar o ensino da Filosofia neste modelo pedagógico, examinando quais são as dificuldades encontradas pelo professor e qual método de ensino seria uma boa proposta para associar a Filosofia aos princípios da metodologia apresentada.

Palavras-chave: Pedagogia da alternância. Filosofia. Casa Familiar Rural. Professor

RESUMEN

La educación rural ha sido una preocupación frecuente en los movimientos sociales y surge como una posibilidad de enseñanza diferenciada frente a la educación tradicional básica, centrándose en los campesinos y sus necesidades reales. Una de las posibilidades de enseñanza dirigida al campo es ofrecida por los hogares rurales familiares que se basan en la metodología de la Pedagogía de la Alternancia para guiar su organización escolar y propone a los jóvenes rurales una escuela enfocada en sus realidades. El objetivo de esta investigación es comprender la pedagogía de la alternancia y, a partir de esta comprensión, analizar la enseñanza de la filosofía en este modelo pedagógico, examinando cuáles son las dificultades encontradas por el maestro y qué método de enseñanza sería una buena propuesta para asociar la filosofía a los principios de la metodología presentada.

Palabras clave: Pedagogía de la Alternancia. Filosofía. Casa Familiar Rural. Maestro

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
1. INTRODUÇÃO	11
2. A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO POSSIBILIDADE AO JOVEM DO CAMPO	14
2.1 A PA EM SEU PERCUSO HISTÓRICO.....	14
2.2 A ORGANIZAÇÃO E OS INSTRUMENTOS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	18
2.2.1 Temas Geradores	20
2.2.2 Plano de Formação	21
2.2.3 Plano de Estudo	23
2.2.4 Colocação em Comum	23
2.2.5 Caderno de Alternância	24
2.2.6 Atendimento Personalizado	24
2.2.7 Visitas de Estudo	24
2.2.8 Avaliação.....	25
3. O ENSINO DE FILOSOFIA NA PEDADOGIA DA ALTERNÂNCIA	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

Os debates sobre a educação do campo surgem recentemente na história do país motivados, em parte, pelos movimentos sociais do campo. Em paralelo a esse debate, surgem também as discussões acerca do modelo pedagógico praticado por um tipo específico de escola voltada para a educação do campo, as casas familiares rurais, esse modelo pedagógico é a Pedagogia da Alternância (PA). Essa pesquisa busca compreender como se dá o ensino de Filosofia em uma Casa Familiar Rural (CFR) que funciona em regime de PA. O impulso inicial para o estudo desta temática se dá pela minha experiência como professora da Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias em uma CFR localizada no município de Quilombo/SC. Me senti impulsionada também, pela relação com o campo, já que cresci e vivo até então na região Oeste, que sabemos ser uma região tipicamente agrícola e principalmente composta por pequenos produtores da agricultura familiar, estas são as famílias foco das CFRs, famílias que buscam um ensino voltado para filhos de agricultores que tenham a vontade de permanecer e se aperfeiçoar para viver no campo.

Após iniciar meu percurso como professora, no ano de 2013, na CFR Santo Agostinho, me vi direcionada para uma escola que me exigia, para além de conhecimentos em filosofia, curso que na época ainda frequentava como graduanda, também conhecimentos de outras áreas das Ciências Humanas. Ou seja, era necessário que além de lecionar Filosofia, lecionasse também, História, Geografia e Sociologia. Esse processo levou-me a questionar sobre qual seria o lugar e as possibilidades de lecionar filosofia na PA. A disciplina de filosofia por muitas vezes ficava até mesmo sem aulas durante a alternância e isso interferia diretamente na aprendizagem proposta pela disciplina. Ademais, como professora em processo de habilitação para lecionar filosofia, fui confrontada com a incoerência entre as poucas horas-aulas disponíveis e a quantidade curricular de conteúdos para ser abordados, ensinados e estudadas.

Tentando compreender um pouco mais sobre como a Filosofia se situa no currículo da PA, me dediquei a tentar compreender quais foram os percursos para que esta metodologia fosse aplicada nas escolas, ou seja, busquei estudar sobre como foi fundada, como chegou ao Brasil e quais as diferenciações presentes na educação voltada para o campo. Ao pensarmos na educação do Campo, podemos vê-la de duas formas, como apontam Molina e Fernandes (2004), que coloca o campo como um lugar de utopia e de pureza, em cujo espaço a escola deveria resolver os problemas concretos ali existentes; quem defina o campo como lugar de atraso e

ignorância, cabendo a escola instruir e modernizar; e, ainda, quem reconhece o campo como espaço de vida e resistência.

Assim, nossa investigação busca compreender como se dá o ensino-aprendizagem da filosofia na PA especificamente em educação para o campo, tentando compreender: Qual é o entendimento que se tem por filosofia dentro da pedagogia em questão e como a filosofia se encaixa na vida destes jovens agricultores e que aspiram a permanência no campo? Considerando a realidade pensada sobre a educação voltada para o povo do campo, o foco dessa pesquisa, é fazer uma reflexão sobre quais são os desafios e as possibilidades enfrentadas pelos professores de filosofia que trabalham na metodologia da PA.

Estar em sala de aula no Ensino Médio, é por si, um grande desafio. Os alunos desta fase vivenciam um momento de grandes transformações e descobertas pessoais e isso torna-se um fator determinante de seus comportamentos e naquilo que eles consideram importante ou não. Quando falamos de filosofia ouvimos muitos questionamentos sobre sua finalidade e sobre o motivo de estudá-la, o que torna ainda mais difícil o interesse do aluno em dedicar-se ao seu estudo. O primeiro grande passo a ser tomado pelo professor desta disciplina, é cativar o aluno, fazendo perceber que, assim como a matemática e a língua portuguesa são fundamentais, a filosofia também é necessária para o desenvolvimento do ser humano e para as suas ações enquanto indivíduo na sociedade.

Em uma escola do campo, isso também está presente, principalmente devido aos aspectos culturais do povo campestre, que pelo que percebemos dá mais valor ao trabalho braçal, pois seu sustento e suas conquistas resultam de grande esforço físico, da labuta que gera sua renda, e conseqüentemente, levando a uma relativização daquilo que preenche o intelecto filosoficamente. Nesse sentido, a PA pelo lugar em que se situa, pelo público com o qual se ocupa, tem papel importantíssimo para a formação social e humana, aproximando os conteúdos com as necessidades levantadas nos temas geradores. Ela tem a possibilidade de despertar o interesse por saber pela participação dos alunos nas aulas e atividades propostas, concedendo aos jovens a filosofia e seu caráter reflexivo, possibilitando a estes o entendimento das questões próprias as suas realidades. A filosofia é a disciplina que possibilita ao aluno refletir sobre a sua existência, que possibilita a criação e a invenção de outros mundos e realidades, é a filosofia que possibilita a construção do novo.

Não podemos ver o jovem do campo como um indivíduo sem perspectivas e horizontes e podemos abraçar na filosofia a possibilidade de fazê-los compreender o quanto o

entendimento filosófico permite a transformação dos indivíduos e da comunidade, abrindo assim novos caminhos e ressignificando os modos de vida e a própria história.

O sujeito do campo tem direito a uma educação voltada para sua realidade, pensada a partir das suas necessidades e da sua cultura, pois ao longo dos anos a população rural foi excluída, deixada de lado e vista muitas vezes como inferior e sem perspectivas. Falar sobre a educação voltada para o campo e pensar numa educação que possibilite ao homem a permanência no campo são coisas muito complexas, já que não devemos nos deter apenas em voltar o ensino para os jovens do campo, mas pensar que esse ensino o torne capaz de transformar sua realidade, tornando-a sempre mais produtiva e boa.

Considerando esses questionamentos, dividimos essa pesquisa em três capítulos, no primeiro capítulo discorreremos sobre a PA desde sua formação até a atualidade, situando o seu processo histórico e sua organização pedagógica, citando seus instrumentos pedagógicos e quais suas finalidades, oportunizando uma compreensão melhor sobre esta metodologia de ensino.

No segundo capítulo abordamos os questionamentos que impulsionaram a problemática dessa pesquisa e sobre a possibilidade do ensino de filosofia além do ensino histórico, mas sim a partir de problemas levantados a partir da experiência da comunidade tomando como base os fundamentos propostos por Renata Aspis e Silvio Gallo, ao apresentar em a possibilidade de trabalharmos a filosofia a partir de temas, problemas que possibilitam a aproximação entre os temas a serem trabalhados em sala de aula e a vivência dos próprios estudantes. Trazemos aqui a ideia de um ensino com nuances gramscianas, que, embora a época em que Gramsci propôs seu pensamento fosse diferente, é possível que vejamos a sua concepção educacional na PA, ao reconhecermos a importância da vivência dos educandos em seu processo de construção do conhecimento e também, ao falarmos sobre a importância de que o homem do campo seja um indivíduo instruído e fortalecido para viver em uma sociedade que não o silencie, formando jovens capazes de pensar, de estudar, de dirigir, ou de controlar quem dirige (Gramsci, 1988, p. 54)

Por fim, nas considerações finais concluímos a pesquisa e apontamos possibilidades e incitações do ensino da Filosofia na PA.

2. A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO POSSIBILIDADE AO JOVEM DO CAMPO

2.1 A PA EM SEU PERCUSO HISTÓRICO

Não há possibilidade de compreendermos a proposta da PA, sem antes compreendermos o funcionamento desta. Para tal, iniciaremos esboçando seu percurso histórico.

A origem da PA se dá na França, na década de 1930, no povoado de Lot ET Garone, onde um pequeno grupo de agricultores estava descontente com a forma estrutural da educação da época, pois não havia uma metodologia voltada especificamente ao povo campesino, sendo assim, os seus filhos precisavam sair das propriedades para estudar causando uma situação de êxodo rural ou então encerrar os estudos. Preocupados com a educação dos filhos, percebendo que estes tinham o interesse em continuar a estudar e pensando na necessidade de uma escola que atendesse as necessidades do povo do campo. Disso resulta o projeto das *Maisons Familiales Rurales* (Casas Familiares Rurais), pensado por agricultores para fornecer aos jovens do campo acesso à educação e permanência no meio rural em simultâneo, dando a estes jovens além do ensino básico, uma formação profissional que os motivasse ao interesse rural e a permanência no meio agrícola.

Era necessário modificar a proposta educacional para que o povo do campo, por vezes, tido como inferior ou deixado de lado, também tivesse acesso à educação, ao conhecimento, mas que este conhecimento os permitisse também permanecerem no meio em que viviam e, mais que isso, era necessário que sua vivência permitisse a eles o conhecimento. Neste sentido podemos observar o diálogo entre um padre e o pai de um jovem que se recusava a frequentar a escola tradicional, conforme Tanton (1999, p. 98)

Um agricultor e o padre conversavam numa tarde de junho de 1935. Pelas testas enrugadas e pelo tom geral as vozes, podia perceber-se que uma preocupação profunda dominava a conversa. De fato, a conversa estava centrada sobre o futuro de um adolescente que havia ingressado há um ano no certificado de estudos. – Ele tem nojo da escola superior, dizia seu pai [...]. Cada vez que ele deve ir à escola aparecem novas lamentações. Entretanto, parar de estudar aos 13 anos é lamentável!... – Sim, é sempre isso: o agricultor não vale grande coisa na sociedade francesa, respondeu o padre. Para as crianças, a escola primária é até os 13 anos. – E daí o que vale esta escola? Nós temos excelentes professores – quando não se metem a fazer política – mas programas detestáveis!... Mesmo o certificado de estudos não significa mais nada... Um ano depois, aqueles que o obtiveram, não sabem nada mais que os outros! – E depois, colocar nossos filhos num pensionato custa caro! Pouco dinheiro não resolve não! E para chegar a que? Ver nossos filhos nos olharem do alto quando eles retornam após três meses de pensionato na cidade. A terra, eles começam rápido a achar que ela está muito baixa, estes jovens agricultores transformados em urbanos

“sábios”... – Sábios! Se pelo menos ficassem sábios. Mas lá também, os programas não são feitos para a agricultura! Aliás, as turmas são grandes demais; o professor dá seu curso, compreenda quem puder. Ele não pode se ocupar de cada um em particular. – E as escolas de agricultura? Ah! Sim... Quantos verdadeiros agricultores o senhor já viu sair de uma escola de agricultura? – Não, realmente, nada é feito oficialmente para garantir a formação intelectual de jovens agricultores em uma época em que, mais do que nunca, os agricultores precisam ser verdadeiros sábios; numa época em que a agricultura precisa de chefes que sejam verdadeiros líderes. A conversa continua cada vez mais pessimista quando, de repente, como um relâmpago, surge uma nova ideia: Diante dessa deficiência, porque não criar alguma coisa nova que se adapte realmente ao meio agrícola? Um tipo de escola que nós possamos criar aqui mesmo? Desta vez, a conversa passou a ser mais otimista, animadora, reconfortante. Quando o agricultor se despede do padre, com alegria no seu olhar, um projeto de formação intelectual profissional dos jovens agricultores, dos futuros líderes agricultores, já estava elaborado em grandes linhas.

Motivados pelas necessidades em conciliar a permanência dos jovens no meio rural, porém, pensando na permanência na escola, os agricultores franceses reuniram-se em associações com o intuito de formar um novo modelo educacional que proporcionasse aos seus filhos, uma educação voltada a realidade em que se encontravam: jovens agricultores, com interesse na agricultura e que precisavam permanecer no campo para auxiliar suas famílias. As famílias reunidas, somadas às associações e igrejas, iniciaram a estruturação de um modelo que permitisse aos jovens permanecerem em suas propriedades e ao mesmo tempo continuarem seus estudos.

O método encontrado como melhor alternativa consistiu em uma proposta que caracterizou a prática escolar a partir de um regime de alternância, razão pela qual passou a ser conhecido como PA, se trata de uma metodologia que organiza e estrutura o ensino escolar harmonizando as diferentes experiências dos alunos, alternando o tempo escola e o tempo comunidade, construindo assim, uma formação profissional e pessoal que não os aliene da realidade de suas comunidades e propriedades e que permita aos jovens aliar a teoria à prática.

O principal objetivo da alternância é inverter os processos e colocar o sujeito em primeiro lugar, compreendendo-o como um sujeito que aprende a partir de suas experiências e de seus conhecimentos, deixando para o segundo plano o programa que será utilizado para transformar essas experiências e conhecimentos visando seu processo formativo.

Segundo Gimonet,

O processo de criação da PA esteve coerente com o seu objetivo. Os agricultores inventores e seus porta-vozes pedagógicos não se basearam em teorias ou conceitos para coloca-los em prática de maneira dedutiva. Não, eles perceberam, escutaram e se conscientizaram dos problemas, das necessidades. Questionaram-se, formularam hipóteses e têm enunciado soluções... Em seguida, inventaram, realizaram, agiram, implementaram, arriscaram. Uma vez engajada a ação, observaram, escutaram,

olharam as práticas. Analisaram, destacaram os componentes do sistema e os fatores de êxito e de fracasso... Disto tudo extraíram ideias, pensamentos, saberes e conhecimentos, mesmo que fossem empíricos. Confrontaram com outros, diferentes, para atingir outros saberes, outros conhecimentos mais amplos no campo das ciências educativas... para entender melhor, agir melhor a fim de prestar um serviço educativo, responder às necessidades, contribuir para o desenvolvimento das pessoas e do meio rural. (2007, p. 27).

A PA propõe um método diferente do ensino tradicional, que, como o próprio nome sugere, tem como princípio alternar, neste caso, alterar o Tempo Escola, que se trata da semana que os alunos permanecem na escola em tempo integral e o Tempo Comunidade, referente a semana em que os alunos permanecem em suas propriedades em tempo integral, ou seja, alterna entre o ambiente escolar, nas CFRs, com momentos de interação com a comunidade e com o meio que o cerca. Ou seja, a alternância se trata em alternar os momentos em que os jovens permanecem na escola (Tempo Escola) com a semana em que estão em sua comunidade (Tempo Comunidade), alterna-se uma semana com a outra.

Cria a possibilidade de que os jovens interajam ao mesmo tempo com a escola e com o meio em que vivem, princípios que permanecem nos dias atuais, estimulando a permanência no campo. Se trata, portanto, de uma pedagogia que parte das realidades e necessidades, já que quando falamos em experiências devemos compreender que estas são compostas pelo que cerca estes jovens, sua cultura, seu território, suas particularidades enquanto ser, a proposta é compreender suas verdades incluindo novos conhecimentos voltados para esta realidade.

Não se deu apenas como nova metodologia de ensino-aprendizagem, mas como um processo de ação-formação contínua, utilizando toda a caminhada do estudante como necessária para a seu desenvolvimento. Uma metodologia que não exclui as experiências do indivíduo, pois estas são vistas como parte da construção pessoal. A PA valoriza todas as experiências, descobertas e vivências do estudante que diretamente contribuem para o resultado de sua construção enquanto sujeito.

A proposta Educacional da PA espalhou-se pelo mundo, não só a França, mas também Itália e Espanha viram-se motivadas a usar da proposta e seus modelos didáticos, assim também, esta metodologia chegou ao Brasil.

Foi durante a Ditadura Militar, que o Padre Humberto Pietogrande, preocupado com a situação do país e percebendo nos jovens do interior do Espírito Santo um grande potencial humano e de boa vontade de aprender, porém, ao mesmo tempo não tinham muita perspectiva de futuro, que apareceu no Brasil a ideia da PA, onde foi implementada uma Escola Família Agrícola (EFA) em 1968. Esse é o Primeiro Momento, da aparição da PA no Brasil, porém

apenas após os anos 70, é que se deu a expansão das escolas agrícolas, apoiados pela Igreja Católica, a participação e empenho dos agricultores e dos demais sujeitos do campo fez com que o Brasil fosse conhecendo e apoiando o movimento por eles proposto, percebendo sua importância para fortalecer o campo, controlando um pouco o êxodo rural e ao mesmo tempo fomentar a ideia trazida ao país pelo Padre Humberto, que de certa forma, visava retomar o caráter humano dos indivíduos e investir na formação dos jovens e de suas famílias para que pudessem permanecer no campo.

A educação do campo foi e vem sendo pensada também, por meio dos movimentos sociais, como o MST, por exemplo, que se mobilizou a discutir sobre este cenário, preocupados principalmente com as realidades dos assentamentos vivenciados, pois as crianças assentadas também precisavam de uma educação a partir da sua realidade e das suas relações, visando uma educação que não implicasse na saída dessas crianças da vivências que tinham, conforme apontado por Ghedin (2012) se trata da inspiração de um pensamento educacional socialista, que busca integrar a escola com a família e a comunidade do educando e, ainda, possibilita trocas de conhecimentos e fortalecimento dos laços familiares e com os assentamentos, são questões como essa fomentaram as discussões sobre a educação do campo e afirmam a necessidade de uma educação transformadora e de compromisso com o campo.

Em 1991, o projeto das Casas Familiares chegou a Santa Catarina. Sendo criada em 02 de janeiro de 1992, em Quilombo, a Escola Familiar Rural pela lei municipal nº 957/92, parecer nº 349/92, aprovado em 15 de dezembro de 1992. Segundo o PPP da Casa Familiar Rural. Com base no PPP (2016),

A Casa Familiar Rural Santo Agostinho localizada em Quilombo/SC, tem sua história em um programa de intercâmbio entre Brasil e França desde 1990. Agricultores e autoridades visitaram aquele país, conheceram o projeto e a partir dos conhecimentos e das informações adquiridas repassaram à comunidade que, entusiasmada com os depoimentos, motivou-se e organizou-se, por afinidade e interesse. (2016, p. 2)

Antes de compreendermos como se dá a PA e como ela se estrutura é fundamental que tenhamos entendido o seguinte, pensou-se em uma possibilidade de oportunizar ao jovem do campo a continuidade do seu percurso formativo sem que fosse necessário a sua saída do campo, possibilitando que sua formação se desse a partir da sua realidade, ou seja, voltada para o jovem agricultor familiar que deseja aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos, porém, também deseja que seu eu campesino seja valorizado, não que este jovem não pudesse frequentar outra escola, ele pode, mas o detalhe é, na PA se ressalta a importância da permanência no meio rural de acordo com a realidade de cada região, ressalta-se também a

importância da terra e de tornar a família desses jovens autossustentável, pois se fala da teoria para poder executar na prática do trabalho no campo, gerando a possibilidade de uma vida digna, pois por muito tempo pensou-se no indivíduo do campo como sem instrução, sem conhecimento e sem acessos. A metodologia propõe que os jovens vejam suas possibilidades no meio rural e os estimule a permanência nesse meio, pois, embora nossa região seja predominantemente rural, ainda há em muitos a ideia de que o sucesso está nas cidades maiores. Como afirma Gimonet (2007) a PA tem por finalidade abrir caminhos que levam o agricultor, sua família e a comunidade a desenvolver e criar formas alternativas de produção de conhecimento que vão além dos muros da escola e dos livros, procurando formas de garantir a permanência dos jovens no meio rural, bem como garantir o trabalho, a produção e a renda nas propriedades.

2.2 A ORGANIZAÇÃO E OS INSTRUMENTOS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Um dos princípios da PA se refere aos períodos de alternância dos jovens, que ocorrem em família, na comunidade, alternado com períodos na Casa Familiar Rural.

A alternância é a ferramenta que possibilita ao jovem interagir e experimentar com e no meio em que vive, ou seja, vivenciar o meio rural alternadamente às suas vivências no ambiente escolar. De acordo com Samua (2012), “os professores/monitores utilizam-se de instrumentos pedagógicos coerentes e participativos que atuam de maneira dinâmica com o objetivo de envolver os jovens e sua família”

Tem como objetivos (GIMONET, 2007), articular os temas e espaços da formação do jovem; associar a formação profissional com a formação geral; associar os pais, jovens e monitores ao processo de formação e acompanhar cada jovem nas suas aprendizagens e caminhadas.

Ocorre com um princípio educativo/formativo, como um sistema de integração, que busca desenvolver e aperfeiçoar a teoria com a prática, não os observando como partes separadas, mas sim como partes que se juntam, trabalhando de modo que estas partes se questionem e favoreçam um completo intercâmbio. É a partir desta interação entre teoria/prática que surge uma nova maneira de conhecer, de se relacionar, dando possibilidades a trocas constantes de conhecimento, que fomentam a aprendizagem e a personalização dos indivíduos alternantes. A alternância propõe uma outra maneira de aprender, em que o estudante precisa

confrontar os saberes da escola com os da sua experiência, é um processo de construção do conhecimento, do saber.

A organização curricular, se dá da mesma forma que qualquer outra escola, porém, além das disciplinas básicas da grade curricular do ensino médio regular constam disciplinas de uma área técnica, ou seja, os jovens já saem com uma diplomação específica. Por se tratar de um currículo regular, é necessário que esse currículo seja aprovado pela Secretaria Estadual de Educação.

Para que a alternância, de fato, possibilite as aprendizagens a que se propõe, é necessário que os instrumentos para consolidar essa prática sejam efetivados, tais instrumentos são: Plano de Formação, Plano de Estudo, Colocação em Comum, Atendimento Personalizado, Caderno de Alternância, Visita de Estudo e a Avaliação.



2.2.1 Temas Geradores¹

Os temas geradores são fundamentais quando para a PA, mesmo não sendo instrumentos dessa metodologia, servem como base estruturante dos instrumentos, pois orientam toda a metodologia, de certo modo, servem como base da PA.

São os temas geradores que orientam a elaboração do Plano de Formação, definidos pelos jovens e suas famílias, portanto, são elaborados partindo das realidades da comunidade e das necessidades observadas na região da Casa Familiar Rural, definem o teor do que será estudado pelos jovens nas semanas do tempo escola.

Não se pode pensar nos temas geradores, sem pensar nas realidades dos jovens, da mesma forma que não se deve observar apenas a realidade sem saber quem são os jovens que fazem parte destas.

A seleção dos temas ocorre na primeira semana dos jovens na CFR, momento em que se realiza um estudo das realidades dos jovens, juntamente com suas famílias. Após definição dos temas serão a base para os anos em que o jovem permanecer na Casa Familiar Rural.

Cogita-se aproximadamente cinquenta temas geradores diferentes, após debate entre as famílias, opta-se de quinze a vinte por ano letivo, que passam entre as mais variadas áreas praticadas no campo.

Famílias e jovens, ao debater os temas, se dão por conta da necessidade em abordar temas que normalmente não seriam debatidos, visto a importância que têm em relação às suas comunidades.

Escolher os temas geradores é o primeiro passo para garantir que os instrumentos da PA sejam organizados e executados. Se no decorrer do percurso letivo, observar-se a necessidade de uma reestruturação nos temas geradores a comunidade escolar novamente se une para um novo debate. Sempre há possibilidade de alterações nos temas, visto que, na PA, existe constante relação entre comunidade e escola o que permite observar as transformações que ocorrem no percurso formativo do jovem.

Nesse sentido é que a investigação do tema gerador, que se encontra contido no universo temático mínimo (os temas geradores em interação), se realizada por meio

¹ Não será analisado aqui o conceito freiriano de Tema Gerador, embora também se trata do pressuposto de um ensino que aproxima as experiências vividas com a cultura, o tempo e o espaço.

de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar a sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo. (FREIRE, 2014, p. 134).

Permitindo a constante construção dos temas, permite-se conseqüentemente análise da realidade das famílias e assim, os conteúdos e atividades abordados pelo professor em sala de aula são aliados à prática dos jovens em seu tempo comunidade, ocorrendo assim, estímulos para que o estudante investigue sobre sua realidade e auxilie a sua transformação.

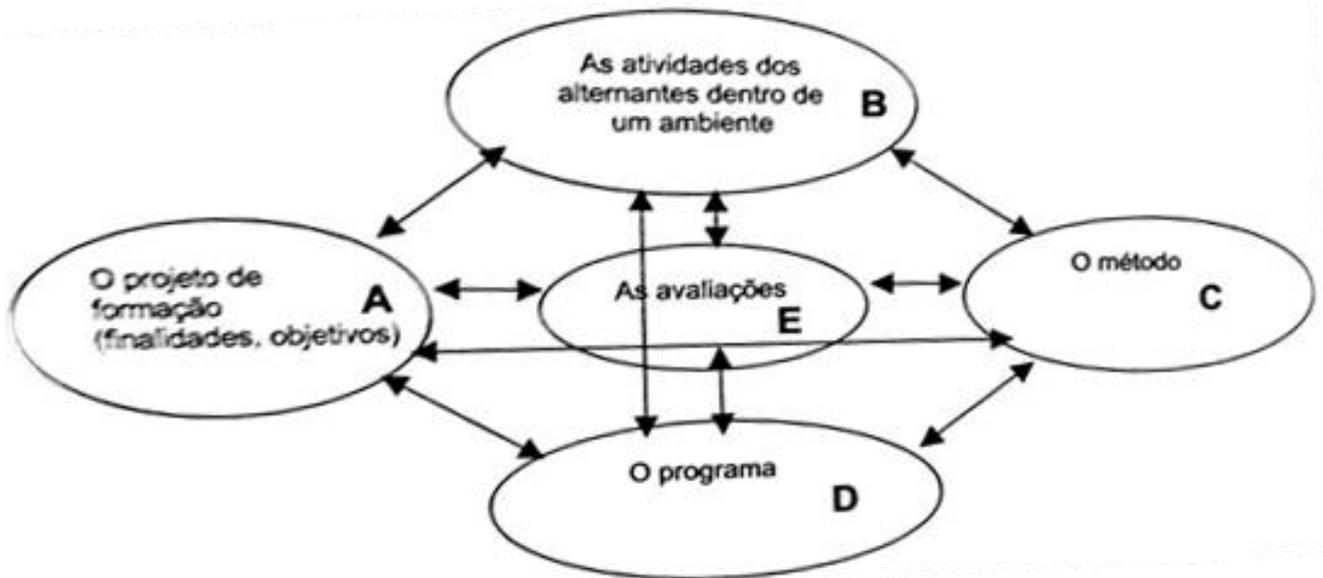
2.2.2 Plano de Formação

O plano de formação garante a organização da alternância, é o instrumento que organiza os outros componentes da PA, fornecendo o eixo necessário para o funcionamento coerente e progressivo do percurso formativo.

É parte importantíssima da proposta pedagógica da alternância das CFRs, pois representa a organização dos professores e alunos. Para Gimonet (2007, p.69), “O Plano de Formação constitui a orquestração de conjunto da obra formadora para gerir as múltiplas orlas, rupturas e relações no tempo e no espaço nos quais se encontra o alternante, no coração da complexidade da alternância”.

A importância do plano de formação fica nítida quando se observa que é ele o documento base, responsável por integrar, dar coerência aos objetivos do processo escolar existente, articular os tempos escola/comunidade, as atividades, conteúdos, adequações e organizar todo o processo letivo.

Quanto a elaboração do plano de formação Gimonet (2007, p.72), apresenta o seguinte: “A formação alternada, propõe cinco categorias de elementos e integrações que devem ser levadas em conta para organizar o Plano de Formação, como mostra a representação seguinte:”



Fonte: Gimonet (2007, p. 72).

Significados dos diferentes polos:

A: representa as finalidades e os objetivos do projeto de formação que conferem o sentido, a unidade de percurso educativo.

B: diz respeito à vivência, à situação dos jovens, suas atividades, e em grande parte as suas motivações. São envolvidos, também, os parceiros familiares e profissionais.

C: tem a ver com o método, a organização, os temas de estudo.

D: reposta ao conteúdo dos programas do ciclo de formação.

E: indica as avaliações e os controles que constituem momentos de articulação e de regulação, tanto para os alternantes quanto para a equipe pedagógica e do balizamento do percurso.

Gimonet aponta que, “O eixo vertical representa os materiais de formação, dos saberes. Ele representa, também, o eixo das oposições das lógicas. O eixo horizontal representa os elementos organizadores”.

O plano de formação é elaborado a partir das definições dos temas geradores, que, por sua vez, partem da realidade dos jovens, conseqüentemente o plano de formação propõe o projeto geral, ordenado de acordo com as pressuposições levantadas pela escola e pela comunidade, permitindo ao jovem, em cada alternância, estudos que permitam o desenvolvimento do conhecimento, assim, quando se encontram no tempo comunidade

aperfeiçoam os conhecimentos adquiridos e despertam para novos saberes, é o instrumento que dá a direção, os caminhos que serão tomados na Casa Familiar.

2.2.3 Plano de Estudo

O Plano de Estudo é uma das principais ferramentas da PA, é o que torna possível a reflexão entre as realidades dos estudantes em associação com a realidade da escola. É elaborado por professores/ monitores e alunos ligando os temas da comunidade com os conteúdos estudados na escola. É o plano de estudo que motiva o entendimento curricular aos estudantes, pois os faz questionar sua realidade social relacionada ao currículo estudado por eles. Cada grupo de estudantes é diferente, portanto, o plano de estudo (PE) também se dá de forma diferenciada para cada grupo, de acordo com suas experiências e vivências.

A partir da elaboração do PE os estudantes levam para casa ao fim da alternância na escola, os questionamentos elaborados a partir do estudo curricular da semana de estudos, associam com suas experiências no tempo comunidade e ao retornarem para a escola na alternância seguinte expõem seus apontamentos e análises aos demais colegas do grupo, através da Colocação em Comum, tornando possível o debate que leva a novas possibilidades, hipóteses e aprofundamentos, visto que, cada estudante analisa os temas e questões diferentemente, de acordo com aquilo que vivem política e socialmente.

2.2.4 Colocação em Comum

A Colocação em Comum se trata da exposição das análises em uma roda de conversa entre alunos e monitores/professores quando a semana do tempo escola inicia novamente.

Se trata de um momento, onde toda relação que havia sido feita na escola e que depois foi associada com a realidade de cada estudante no tempo comunidade, é exposta de um por um, fornecendo mais um momento de debate entre professores e alunos acerca dos sistemas estudados anteriormente.

É a partir da colocação em comum que podemos constatar realmente as associações feitas entre conteúdo no tempo escola e vivências no tempo comunidade.

2.2.5 Caderno de Alternância

Além de todos os debates e atendimentos realizados na PA, os alunos também são imbuídos da atividade de relatar todas as suas vivências tanto no tempo escola, como no tempo comunidade, de preencher o Caderno de Alternância, um caderno de apontamentos individual, onde relatam como foram suas vivências nas alternâncias e fazem suas observações sobre os temas e debates, é também um instrumento que possibilita a comunicação entre escola e família, já que todos os cadernos são lidos pelos professores e também pelas famílias, o que resulta em um processo de perguntas e respostas ao longo do ano, fomentando ainda mais a aproximação de ambos às vivências do aluno ao currículo da escola.

2.2.6 Atendimento Personalizado

O atendimento personalizado é uma das ferramentas de extrema importância da PA, pois é através dele que se possibilita o contato direto entre professor e aluno, favorecendo assim um vínculo mais aproximado entre ambos e permitindo que a escola conheça cada particularidade dos alunos. Se trata de momentos em que monitores/professores conversa individualmente com cada um dos alunos, é a possibilidade que se tem, de além de pensar nos alunos como coletivo, estudar as necessidades de cada um.

2.2.7 Visitas de Estudo

Todos os apontamentos e estudos realizados pelos alunos e debatidos na escola, também possibilitam visitas e viagens de estudo, como atividades que proporcionam a integração das experiências pedagógicas, com outras práticas possibilitando melhor aprendizagem dos estudantes.

Essas visitas de estudo têm como finalidade a observação e o questionamento das experiências de sucesso em ambientes diferentes daqueles em que os estudantes se situam, favorecendo uma observação diferenciada e visando o conhecimento de novas técnicas, para que assim eles questionem e apliquem o observaram as suas realidades. As visitas ou viagens são sempre elaboradas e pensadas a partir dos objetivos resultantes dos debates e dos apontamentos percebidos nas relações tempo escola e tempo comunidade e também tem caráter

avaliativo, verificando se os motivos que levaram a estas foram atingidos, assim como todas as outras atividades e instrumentos resultam em um processo de avaliação.

Além das ferramentas previstas na PA são ofertadas aos alunos outras possibilidades de experiências, como por exemplo, cursos e palestras onde oferta-se o contato com outras pessoas de acordo com o tema gerador. São possibilidades que surgem devido ao contato da CFR com outras instituições, públicas ou privadas, com ex alunos ou mesmo com pequenos produtores rurais e que complementam o estudo pedagógico com o prático dando possibilidades de o estudante tornar-se ainda mais protagonista e de associar ainda mais os saberes curriculares com os sociais, abrangendo vários saberes do plano de formação e viabilizando o aprendizado de novas técnicas e aprimoramentos através da relação entre o que aprendem e vivem com outros aprendizados.

2.2.8 Avaliação

Conforme disposto na Resolução CEE Nº 183 as aferições da aprendizagem e a avaliação devem ser consideradas formativas, cumulativas e inclusivas durante o decorrer do ano letivo, considerando que a partir de 2017, não será adotado exame final em nenhum ano ou série letiva na Educação Básica e Profissional.

A avaliação se constitui como uma das ações mais pertinentes das dinâmicas curriculares, porque faz a mediação de todos os processos pedagógicos que verificam a aprendizagem dos estudantes e identificam a qualidade da atuação docente. Possibilita à escola reconhecer onde estão seus limites e situar seus avanços, com isso, planejar o cotidiano e aperfeiçoar seu papel social.

Além dos instrumentos de avaliação e atividades avaliativas realizadas em sala de aula, afim de capturar o entendimento sobre conteúdos todas as atividades propostas pela PA seguem a articulação do Tempo Escola e Tempo Comunidade, que são as alternâncias realizadas pelos alunos, portanto todas as atividades são adequadas a esse princípio básico e pensadas justamente com essa relação de momentos na CFR e momentos na comunidade do estudante. Sendo assim, seria impossível conceber uma avaliação que não contemplasse todas as possibilidades da PA, já que os instrumentos pedagógicos são as ferramentas pensadas para a formação básica dos jovens bem como as possibilidades da análise do sujeito com sua realidade, proporcionando a estes o entendimento do seu meio social e tornando-os capazes para a transformação da sua

realidade. A avaliação deve ser constante, processual e individual, pensando no indivíduo como um sujeito em transformação e que só se compara com ele mesmo e seus aprendizados.

Os jovens precisam ser protagonistas de suas vidas e esse é o principal objetivo da formação das CFR, tornar o sujeito, o indivíduo suficientemente capaz e responsável da transformação social necessária em sua vida, a proposta é, usar da educação como meio para desenvolver o jovem, sua família e sua comunidade pensando sempre no jovem do campo e proporcionando a este jovem a permanência no seu ambiente de origem, vale lembrar que esse é o objetivo desde o surgimento da PA, que sempre foi voltada para este jovem, que tem a intenção de permanecer no campo aperfeiçoando suas práticas e possibilitando melhores condições e atividades às suas famílias.

Agora que já conhecemos os princípios básicos e a estrutura da PA, buscaremos entender como se dá o ensino da filosofia no ensino médio por alternância nas CFR.

3. O ENSINO DE FILOSOFIA NA PEDADOGIA DA ALTERNÂNCIA

A PA, também surgiu como uma possibilidade de ensino em nossa região, através de uma escola nos moldes Casa Familiar Rural (CFR), em 1992, oferecendo aos jovens da mesorregião do oeste catarinense uma experiência de ensino que os forme para a permanência no campo

Não podemos afirmar que a educação no campo se encontra tão avançada quanto a educação básica regular tradicional, visto que, na história do nosso país, o debate sobre a educação do campo é recente, porém, cada vez mais há um aperfeiçoamento nesta metodologia, o que possibilita a muitos alunos uma educação voltada as suas particularidades.

É a partir dos debates dos movimentos sociais, especialmente do MST, como citado, que se fala em uma educação que buscasse fortalecer o povo camponês através da educação e que esse fortalecimento os motivasse a permanecer no campo, mostrando as possibilidades que estas famílias tinham. Com o intuito de transformar aquela população vista como esquecida e dar a estes há possibilidade de desenvolverem como iguais, tirando a ideia de que o meio Rural era inferior ao meio urbano e possibilitar aos camponeses novas perspectivas estas que os possibilitasse aparecer e não desaparecer, conhecendo novas tecnologias, recebendo mais instruções e mostrando que o campo não deve ficar em silêncio, mas sim mostrar suas potencialidades.

As escolas que funcionam no regime da PA, em Santa Catarina, possibilitam ao estudante a opção de cursar o ensino médio integrado a algum curso técnico, de acordo com a grade e curso escolhidos em cada escola. Conforme aponta Arroyo (2011 p. 9) “A Educação do Campo não fica apenas na denúncia do silenciamento, ela busca o que há de mais perverso nesse esquecimento: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo”

O que busco considerar nesta pesquisa, é a possibilidade do ensino da filosofia no cotidiano da escola na PA, ou seja, é possível mesmo ensinar filosofia em uma escola onde o foco da pedagogia é preparar os jovens para a permanência no campo?

Cabe fazermos uma relação entre as concepções propostas pelo ensino através da PA com as ideias que deram base ao pensamento da educação proposto por Antonio Gramsci, principalmente na relação proposta entre a valorização da ação política e filosófica para todas as classes. Gramsci pensava na educação como instrumento transformador e que se preocupa com o indivíduo inserido na sociedade, que valoriza a sua cultura e seus conhecimentos como

ferramentas para mudar não só a si próprios, mas também a sociedade, estimulando o aluno para transformar, atuar e permanecer no contexto em que vive.

Gramsci foi um grande entusiasta quando se referia a política e a luta por ideais de igualdade, apresentando o que os trabalhadores e os proletários tinham sim que fazer parte da política, precisavam de formação suficiente, de conhecimento para lutar como iguais. Também apresenta a necessidade de desenvolvimento para o campo, afirmando em seu pensamento a importância de instrução para o povo, fornecendo-os conhecimento e conscientização do seu papel social. Para ele, os jovens precisavam de preparação cultural, política e social e, a escola tinha papel fundamental nisso, o que percebemos ser uma das grandes inquietações motivadoras do surgimento da PA, possibilitar ao jovem uma educação voltada para sua realidade e vivência, pensando em uma escola que possibilite “não apenas na cultura e produção em geral, mas também escola e produção em particular são inseparáveis em uma perspectiva técnico-política, ou numa perspectiva do novo humanismo” (MANACORDA, 1987)

Pensando na efetiva proposta da PA, cabe aqui ver a necessidade de tratar a filosofia não somente como um componente curricular, já que isso se tornaria apenas repetição histórica de conteúdo filosófico, a questão principal é que além de tudo a tarefa da filosofia é propor uma reflexão acerca do ser humano e do mundo em que ele vive, fazendo uma análise crítica a tudo o que o cerca. É necessário que a disciplina de filosofia não tenha apenas esse caráter disciplinar, mas que proporcione a estes jovens todos esses questionamentos, reflexões e principalmente que transforme estes jovens em questão em protagonistas de suas vidas, tendo como base um dos ideais apoiadores de Gramsci, uma educação que vise a transformação integral do sujeito e que a partir disso, possibilite, neste caso, a sua permanência no campo de forma digna e com possibilidades. “A escola [...] deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e iniciativa” (GRAMSCI, 1932, p. 36)

Visto que a proposta da PA já se trata de uma pedagogia diferenciada perante ao ensino regular que conhecemos, é necessário aproveitar a disciplina de filosofia para causar nos estudantes as mesmas provocações que o modelo pedagógico que estão cursando causa. A educação no campo, feita através da PA, não pode ser vista como um tabu ou então vista como um ensino mais leve para jovens que têm menos tempo para estudar, ela deve ser vista assim como uma possibilidade de novas experiências e vivências, que vão além da organização corriqueira do sistema educacional.

É necessário utilizar a filosofia como um meio para desenvolver nos jovens a capacidade crítica que se tem perdido ao longo do tempo, já que é fácil notarmos a ausência do pensamento emancipador dentro das escolas. Não é apenas a instituição educacional que vem se esmorecendo ao longo do tempo, os jovens que nela estão, vão junto para o mesmo caminho, o caminho da aceitação ensurdecadora a tudo o que lhes é imposto. Assim como a PA surge e traz consigo uma nova visão educacional, deve-se usar dela para guiar os estudantes às novas visões de mundo e é a filosofia, dentro deste modelo proposto, que oferece a possibilidade de novas perspectivas, não apenas formativas, mas também de desenvolvimento pessoal.

Cabe ao professor, ser mediador da transformação que buscamos nos jovens estudantes da PA, atuando como docente dos conteúdos necessários, trazendo as reflexões que os possibilitem a emancipação e além disso reconhecer os desejos e necessidades da comunidade em que o aluno está inserido, pensando sempre que, a PA é voltada para que o jovem que pretende permanecer em sua comunidade e por isso é fundamental que ele se compreenda como peça fundamental para tal.

O ensino da filosofia, como disciplina do currículo básico, é garantido pela LDB e pelos PCN, mas sabemos que seu percurso histórico foi de idas e vindas e agora, com as propostas para o Novo Ensino Médio ainda não está clara a sua permanência. A chave aqui é, pensar na possibilidade da filosofia dentro da PA como algo inovador, que por vezes, buscamos na educação.

A contratação dos professores para as CFR em Santa Catarina, se dá através de processo seletivo para contratação tipo ACT, onde o professor contratado não leciona apenas a disciplina isolada, mas sim as quatro disciplinas que compõe a área, história, geografia, sociologia e filosofia. Aqui já está a primeira barreira que se encontra ao lecionar quaisquer uma das disciplinas da área, visto que, dificilmente o professor contratado formação suficiente para lecionar ambos os componentes o que seria fundamental para possibilitar o trabalho interdisciplinar proposto pela PA.

Tendo em vista que se busca um jovem protagonista, há também que se valorizar toda a sua bagagem e entendê-lo como alguém que também ensina, o que resulta em uma constante troca de saberes e experiências. É necessário que se inverta a lógica existente de que é o professor que ensina, que transmite conhecimento, que é nele que se encontra a verdade, transformando a relação professor-aluno em uma relação de interação, debate e progresso.

Para pesarmos nas possibilidades do ensino de filosofia nessa perspectiva, vamos abordar o ensino pensado através de temas, sempre lembrando que, tratamos aqui, de uma

metodologia que visa emancipar os jovens e prepará-los criticamente para a vida em sociedade. Abordar a possibilidade do ensino de filosofia por meio de temas foge um pouco do método convencional, que abrange a filosofia em sua historicidade, mas, devemos nos atentar ao fato de que, trabalhar a partir de temas, não quer dizer deixar de lado a história, escolas, correntes e ensinamentos filosóficos, se trata sim, de a partir das temáticas e problemas levantados, aproximar a filosofia das realidades.

O ensino de filosofia não pode se tratar apenas de repetição, deve sim, ser voltado para as novas possibilidades de aprendizagem e de apropriação de ideias que permita aos alunos, levar a disciplina para além da sala de aula, levando-a na construção de seus pensamentos e para a construção de sujeitos mais críticos, pensantes e ativos. Afinal, o que queremos, pessoas que criam ou que repetem? Penso ser essa uma das principais motivações da filosofia, levar a criação e a geração de pensamentos indagadores.

É necessário compreender que o aluno não se torna sujeito sozinho, mas tudo o que o cerca faz parte dessa construção dele como sujeito, suas relações com a família, com a igreja, seu contato com a mídia, política, escola, ou seja, tudo o que o cerca tem parte importante em sua construção enquanto sujeito, portanto, devemos tomar cuidado para que esses sujeitos não se construam como sujeitos repetidores daquilo que vivenciam, mas que sejam capazes de desconstruir e contradizer as diversas realidades e conhecimentos que tiverem ao longo da vida.

A filosofia, é de extrema importância nesse contexto de construção pessoal, com essa perspectiva, precisamos entender a PA como uma proposta de formação que possibilita a aproximação entre o que o aluno aprende e vive na escola com a realidade que ele traz consigo como sujeito, embora se trate de uma instituição escolar com toda a normatização que a ela cabe, aproximação entre comunidade e escola possibilita a formação do sujeito.

A apresentação e o tratamento dado a filosofia por quem a ensina, faz toda diferença na forma que o aluno se aproximará dela, assim como qualquer outra área do conhecimento. Mas a grande questão é, que a filosofia tem o poder de guiar as pessoas, ensiná-las sobre para onde devem ir e principalmente, como ir. Por isso, se bem aplicada e compreendida, pode transformar a realidade em que os sujeitos se encontram.

Voltando ao nosso questionamento do capítulo, vamos tratar aqui do ensino da filosofia a partir de seus temas. Afinal, trabalhar por temas, seria uma forma de aproximar a realidade levantada nos temas geradores com a disciplina, o que, percebe-se, aproxima os alunos dos estudos levantados em sala de aula. A filosofia propõe aqui, a possibilidade de que os estudantes pensem e procurem resolver os problemas com mais clareza, os mostra como podemos

esclarecer os questionamentos levantados e não apenas pensar neles sem encontrar soluções ou expectativas de soluções.

Trabalhar com o ensino a partir de temas, torna as aulas e os debates muito mais interessantes e a absorção dos conteúdos é melhor, a aula torna-se mais um debate do que uma aula de repetições históricas. A proximidade entre professor e aluno proposta pela PA, possibilita que o professor conheça o aluno um pouco melhor e associe as temáticas levantadas no início do ano letivo com as necessidades e frustrações dos estudantes, partindo assim de temas que os alunos enfrentam. A filosofia sempre tem algo a dizer sobre vários assuntos e isso cativa os alunos a perceber como ela pode ajudá-los a compreender o que o faz questionar, o que motiva muito o interesse do aluno na disciplina.

Cabe ao professor, relacionar as temáticas propostas e levantadas com os conteúdos e reflexões filosóficas, para que o debate gere novos conhecimentos aos alunos e proporcione ao mesmo tempo o estudo filosófico e o entendimento acerca da realidade.

De acordo com Aspis e Gallo (2009), um dos inúmeros desafios para o professor de Filosofia é tomá-la como uma luta contra as meras opiniões. As opiniões dos alunos sobre os temas precisam ser acolhidas, enfrentadas, problematizadas e direcionadas para o horizonte de novas ideias, criação de novos conceitos (Idem, 2009). Devemos sim, fortalecer no aluno a capacidade de novas formas de pensar. Afinal, é a partir dos problemas que percebemos e observamos que nos tornamos capazes de produzir novos conceitos e conhecimentos. Devemos abordar ensino de filosofia como uma experiência filosófica, que possibilite ao aluno a geração de conceitos, transformando o aluno repetidor em capaz de perceber, analisar e produzir conhecimentos, relacionando o contexto histórico filosófico com os problemas por ele levantados.

Segundo Renata Aspis e Silvio Gallo, em seu livro *Ensinar Filosofia*, o professor deve seguir alguns passos para que a proposta do ensino a partir de temas seja possível.

O primeiro desses passos é a sensibilização, onde o professor aborda o tema levantado sensibilizando o aluno para o estudo e debate sobre ele, motivando o aluno e despertando seu interesse na proposta levantada, o que, na PA, se torna possível de realizar, visto que, supõe-se que os temas levantados no início do ano letivo são temas da realidade dos alunos, assim, a Filosofia fica próxima dos seus anseios e preocupações de vida.

Seguindo a sensibilização, vem a problematização, que visa transformar os temas levantados em problemas filosóficos, faz-se isso, quando se analisa o tema com um caráter mais profundo, fazendo perguntas sobre ele e é esse estímulo que leva os alunos a ser questionador

e indivíduo capaz de fomentar discussões nas aulas. Cabe ao professor estimular os alunos a afastar-se de suas crenças e pré-conceitos para então pensar nos temas levantados levando a novos conhecimentos. A atividade de livrar-se das ideias prontas e inquestionáveis que se tem como certas para a partir disso realizar debates, discussões e estudos que formem novas opiniões ou sustentem pesquisas é o passo mais aproximado do conhecimento filosófico.

Depois de problematizado o tema, segue-se com a investigação, que é, segundo Aspis; Gallo, o momento em que se fundamenta o problema com base nos fundamentos históricos da filosofia, que são a base para levar a investigação do problema de maneira sólida e que permite a leitura e estudo dos textos e apontamentos filosóficos. É justamente investigar o tema levantado inicialmente, de forma filosófica, a grande diferença aqui, é que, devido aos passos anteriores o aluno estará envolvido na disciplina e isso torna a investigação a partir da história da filosofia muito mais atrativa do que quando é realizada sem levar em consideração a experiência filosófica. É aqui que os alunos tem a percepção de que os problemas que eles percebem a partir dos temas de suas realidades, já foram, em algum momento, pensados e estudados por filósofos.

Para finalizar a proposta dos autores sobre o ensino da filosofia a partir de temas, os autores apresentam a etapa da conceituação, quando são apresentados aos alunos conceitos já existentes para que eles busquem as respostas filosoficamente, experimentando aqui, a vivência filosófica. O aluno já teve contato com o texto filosófico e já situou o pensamento no processo histórico, cabe então, ser capaz de, através das suas vivências, experiências e percepções criar seus próprios conceitos e entendimentos sobre os temas, provocando assim, a saída do senso comum e a atividade filosófica em cada um dos estudantes. É possibilitar que a filosofia seja aprendida por meio da experiência filosófica, pensando assim, devemos compreender a filosofia como disciplina que desenvolve o pensamento dos estudantes, que os leva a sair da zona de conforto e principalmente a deixar de lado os conceitos pré definidos que já tinham consigo, tornando-os sujeitos mais críticos e também mais conscientes de que os processos históricos moldam as pessoas e que a evolução na forma de pensar e agir deve ser levada em consideração na elaboração de novos conceitos.

Na prática a PA apresenta um grande desafio ao professor de Filosofia, visto que, a preparação acadêmica dificilmente tem esse viés, o profissional precisa antes de tudo de uma reformulação para então assumir o caráter de professor da PA, que cria possibilidades diferenciadas de aprendizado aos alunos e que além de transmitir conhecimentos seja mediador e sensível as particularidades e vivências dos estudantes.

A disciplina de filosofia, se trata de uma disciplina da área de ciências humanas e além disso, é uma disciplina que possibilita e promove o raciocínio crítico, o desenvolvimento intelectual subjetivo e esta é a grande vantagem da filosofia inserida na PA, pois já se compreende como um pressuposto da filosofia o entendimento do subjetivo e na PA valorizar o indivíduo e suas competências é de extrema importância, o professor de filosofia assume o caráter de um agente transformador, que busca transformar pessoas em seres melhores.

Dentre alguns desafios, cito a dificuldade em trabalhar por área do conhecimento, o que abrange, neste caso, as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia, sem formação adequada para tal. O docente se habilita em uma disciplina e é necessário que se desdobre para contemplar as demais e além disso, associar com os temas geradores propostos pela PA, o que poderia ser tarefa mais simples, se houvesse formação continuada que proporcionasse aperfeiçoamento pedagógico aos profissionais da CFR, porém, a formação continuada é rara e insuficiente e o profissional precisa aprender na prática e nos ensinamentos de profissionais com mais experiência ou formação e principalmente o profissional que optar por trabalhar em uma CFR precisa compreender que não é apenas um emprego, mas sim perceber que seu papel é de fundamental importância para o desenvolvimento da escola e dos estudantes que nela estão, acreditando no meio rural como e nos jovens que dele emanam e se despreendendo das amarras da educação, para possibilitar o novo, vislumbrando o conhecimento para além da sala de aula, aprimorando o jovem para a vida em sociedade de forma inovadora, crítica e emancipadora. A Filosofia é fundamental nesta formação, propiciando aos jovens alunos camponeses a orientação necessária para as vivências em grupo, a participação política e crítica, de indivíduos atuantes e capazes de construir o seu eu.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ora, a instrução é como a liberdade: não se concede, conquista-se.

(Jacques Rancière, O mestre ignorante)

Apontamos nesta pesquisa uma reflexão sobre a importância da educação no campo, levantando-a como uma possibilidade de ensino voltada para o povo campesino e possibilitando um aprendizado diferenciado e específico para o jovem do meio rural. Jovens estes que trazem em seu percurso uma história de resistência do seu povo devido a exclusão do homem do campo ao longo dos anos e da desvalorização de seus conhecimentos pela sociedade como um todo, realidade esta que vem sendo modificada graças a força e a luta do povo campesino para mostrar sua evolução econômica e cultural. Pensando na educação do campo, falamos da Pedagogia da Alternância, que apresenta uma possibilidade de ensino diferenciada e voltada especificamente para as necessidades do jovem do campo.

Discorreremos sobre a importância de vermos no povo campesino possibilidades de avanços e de ofertarmos a estes jovens algo que seja próprio da sua vivência, coisa que, por vezes, foi deixada de lado. A PA propõe uma escola que promova o desenvolvimento intelectual, sempre pensando em sua participação ativa na sociedade, tornando o jovem estudante o protagonista da sua vida.

Diante desta modalidade de ensino proposta, discutimos sobre o ensino da filosofia, nos preocupando sobre como se dá o desenvolvimento da disciplina inserida em uma modalidade de ensino com a organização curricular um pouco diferente do tradicional, que propõe, que as disciplinas associem os conteúdos com as vivências dos estudantes através dos temas geradores.

É fundamental percebermos a importância da disciplina de filosofia no desenvolvimento do indivíduo, não se trata apenas de falarmos de uma filosofia histórica, separando teoria, prática e ética, se trata assim de pensarmos a filosofia como algo emancipador, que se relacione com o modo de vida dos estudantes e é fundamental percebermos a importância da disciplina de filosofia no desenvolvimento do indivíduo e que os faça perceber que a vida em sociedade é muito mais do que fazer, ou produzir, mas sim um desenvolvimento constante e uma relação entre aquilo que se faz e aquilo que se vive, fortalecido pelo saber, a filosofia aqui, tem um caráter muito subjetivo, visto que se estamos falando em associar a disciplina com a vivência

de cada um, sabemos que as realidades e cada indivíduo são muito diferentes, portanto o saber e o desenvolvimento individual devem ser valorizados.

O objetivo desta pesquisa foi compreender o ensino da Filosofia na PA, na educação do voltada para o campo, analisando simultaneamente como o docente se encontra e associa teoria e prática nesta metodologia. Como, afinal, a Filosofia se encaixa no modelo proposto? Como age o professor perante a esta possibilidade diferenciada? E mais, como o jovem compreende sua necessidade?

Após a pesquisa e o caminho percorrido enquanto docente atuante em uma CFR, percebo que as respostas para estas perguntas ainda são duvidosas e que, há ao mesmo tempo uma grande certeza, a de que ainda é necessário um longo percurso para que a educação do campo e conseqüentemente a PA tenham a devida atenção e aperfeiçoamento, pois pude constatar que embora os avanços em relação ao povo campestre tenham acontecido ao longo da história, ainda há um esquecimento sobre seu papel fundamental na sociedade, ainda há este esquecimento em relação a uma formação que os possibilite à eles a emancipação.

Na PA o professor assume um caráter muito mais amplo do que o de detentor do saber, ele é o responsável por mediar, orientar e guiar o jovem aos seus conhecimentos, ensinando e aprendendo, é assim que o jovem estudante se assume como protagonista, quando ele tem a possibilidade de elaborar os conceitos e de se perceber como indivíduo crítico. O professor precisa estar inserido na comunidade escolar, acompanhando os estudantes em suas atividades, saindo das paredes fechadas da sala de aula e percebendo o jovem em sua relação com a comunidade, sendo possível assim, para a filosofia, uma compreensão geral do indivíduo e a efetiva possibilidade da associação entre os temas levantados para estudo, com a vivência de cada um, é uma grande oportunidade de tirar o caráter livresco da filosofia e transformá-la em um guia de vida.

O professor não deixa de ser o responsável por selecionar os conteúdos e preparar o plano de curso de acordo com os temas básicos, mas concomitantemente, deve valorizar a capacidade de raciocínio crítico do aluno e o seu próprio filosofar, deve orientar e guiar de forma correta para que o jovem autônomo de seu desenvolvimento intelectual tenha base para construir seu pensamento, desenvolver conceitos por conta própria, tendo como alicerce a formação acadêmica oferecida pelo professor. E além disso, cabe ao profissional da PA relacionar tudo isso com aqueles temas citados inicialmente e que dão apoio teórico para o decorrer do curso.

Há grande dificuldade em se trabalhar na metodologia da PA, exige muito do professor. Exige que se crie um elo de comprometimento com a escola, com os alunos e com suas famílias, para que sempre exista boa comunicação e entendimento, afinal de contas, se trata de uma via de mão dupla, pois se falamos em valorizar as vivências dos estudantes, há de se concordar, que também os professores aprendem com os alunos e esta construção conjunta de conhecimentos e aprendizados é o que fortalece a relação criada.

Falar da associação proposta pela PA entre temas e conteúdo é de fato, muito mais fácil do que efetivar isto, é uma prática pedagógica diferenciada e muito difícil que exige do professor muito mais do que formação acadêmica, constato que, além do desejo do profissional em efetivar essa prática da melhor forma possível é necessário sim que existam cursos de aperfeiçoamento pedagógico, possibilitando um melhor entendimento sobre a metodologia ofertada.

Por fim, cabe ressaltar a importância da educação do campo e principalmente a importância da disciplina de Filosofia para instigar o aluno a pensar sobre tudo o que envolve sua existência, sobre suas vivências e realidades, sobre a sociedade em que vive, é a Filosofia que enriquece e revigora a formação destes jovens, que possibilita uma nova visão de mundo, promove a transformação de vida e de novas formas de pensar. É assim, que formamos jovens críticos, que percebem a filosofia além dos livros, que concebem seu poder emancipador e que favorece a ruptura de barreiras pré-estabelecidas. É assim que movemos o pensar. A Pedagogia da Alternância possibilita e motiva uma filosofia diferente, embora a história da Filosofia permaneça a mesma ela tem a fascinante capacidade de mudar a história de muitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCAFARSUL. **Quem somos?** Disponível em: www.arcafarsul.org.br. Acesso em: 16 fev. 2014.

ARROYO. M.G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO. Miguel Gozalvez. **A educação básica e o movimento social do campo**. In.: ARROYO. M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia – um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

CASA FAMILIAR RURAL SANTO AGOSTINHO. **Projeto político pedagógico**. Quilombo, SC, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1993.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012

GHEDIN, Evandro. **Educação do campo: epistemologia e práticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS**. Petrópolis, RJ: Vozes; Paris: AIMFR - Associação Internacional dos Movimentos de Formação Rural, 2007.

GRAMSCI, Antonio, 1891 – 1937. **Cadernos do cárcere, volume 1** // Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 **Cadernos do cárcere, volume 2** / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Escola, educação e ensino** / Antonio Gramsci. – São Paulo: Eduções Iskra, 2017.

MANACORDA, Mario Aliguiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Trad. por William Lagos. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 288p.

MOLINA, M. C.; FERNANDES, B. M. (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2004. (Coleção Por uma Educação do Campo, 5).

RANCIÈRE J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

TANTON, C. **Alternância e parceria: Família e meio sócio-profissional. Pedagogia da Alternância - Alternância e Desenvolvimento.** I Seminário Internacional, Salvador, 1999.